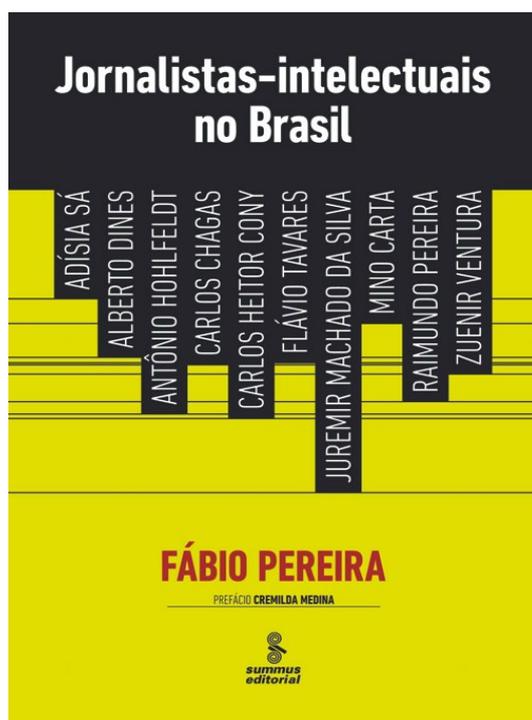


Resenha

O duplo papel do jornalista-intelectual na atualidade brasileira

LUCIANE FASSARELLA AGNEZ

Universidade de Brasília - luagnez@gmail.com
Doutoranda em Comunicação pela Universidade de Brasília.
Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, com graduação em Comunicação Social - habilitação em Jornalismo, pela Universidade Federal do Espírito Santo (2003), e especialização em Gestão Estratégica em Comunicação Organizacional e Relações Públicas, pela Universidade de São Paulo (2006).



A trajetória profissional de grandes nomes do jornalismo brasileiro é o caminho escolhido por Fábio Pereira para investigar o quanto as mudanças na identidade e nas práticas jornalísticas neste início de século afastam o jornalismo dos valores de intelectualidade. As múltiplas atividades, divididas entre o jornalismo, o magistério, a pesquisa, a militância, a literatura e a arte, marcam a vida de profissionais que convivem com o duplo reconhecimento: jornalistas e intelectuais. Adísia Sá, Alberto Dines, Antônio Hohlfeldt, Carlos Chagas, Carlos Heitor Cony, Flávio Tavares, Juremir

Machado da Silva, Mino Carta, Raimundo Pereira e Zuenir Ventura compartilham suas experiências com Pereira nesta obra, que é resultado da tese de doutorado do autor,

defendida pela Universidade de Brasília, onde hoje ele leciona na Faculdade de Comunicação.

No livro *Jornalistas-intelectuais no Brasil*, recém lançado pela Summus Editorial, Pereira dedica-se a analisar a vida de profissionais que dividem seu tempo entre a prática nas redações e outras atividades intelectuais. A seleção desses grandes nomes seguiu critérios tais como o duplo ou triplo pertencimento a diferentes estatutos profissionais, o engajamento em assuntos de ordem política ou social, a notoriedade, a dispersão geográfica, a questão de gênero e a disponibilidade em participar do estudo. Além disso, buscou-se abranger três gerações de jornalistas-intelectuais: os que vivenciaram o período do Estado Novo, os que participaram dos movimentos estudantis e políticos da década de 1960 e os que ingressaram no jornalismo a partir das décadas de 1970 e 1980.

A obra apresenta um excelente retrospecto histórico: do jornal como espaço de exercício político e literário, até o período que se iniciou a partir da década de 1950, quando foram inseridos novos padrões de produção da notícia e a crescente profissionalização do jornalismo. O jornalismo contemporâneo traz marcas de uma profissionalização da intelectualidade, com uma grande especialização. De modo geral, o intelectual se apresenta hoje na mídia como uma fonte de informação, um *expert* ou um especialista sobre determinado tema. Ao percorrer a história de vida dos entrevistados, é possível perceber um certo sentimento de nostalgia de um tempo quando as figuras de jornalistas e intelectuais se confundiam, como pensadores capazes de expressar ideias, opiniões e até mesmo lutas ideológicas sobre diversos assuntos.

Pereira inspira seu trabalho nos estudos sociológicos sobre a transformação das identidades – tanto de intelectuais, quanto de jornalistas – para compreender como a negociação entre esses estatutos se processa na atualidade brasileira, quando a profissionalização do jornalismo e o processo industrial de produção da notícia são marcas profundas. A partir da corrente sociológica do interacionismo simbólico, o livro apresenta as interações, simbolicamente medidas, que se processam no mundo social dos jornalistas. Mundo esse que não está restrito ao ambiente das redações, nem aos jornalistas, mas se caracteriza por uma atividade que se estende por toda a sociedade e

estabelece relações diretas, de mútua dependência, entre diversos atores (fontes, empregadores, profissionais técnicos, assessorias de imprensa, entre outros), formando verdadeiras “redes de cooperação”.

A partir das trajetórias profissionais dos entrevistados e dos processos de interação por eles estabelecidos, o autor extraiu dessas fontes como eles próprios definem o jornalismo, os jornalistas e os intelectuais, como definem a sua identidade, como negociam seu estatuto de jornalistas com as demais atividades e como se processa a intervenção em diferentes espaços. Pereira aponta como as diversas instâncias participam do processo de construção identitária, atribuindo à questão do “Quem sou eu?” uma dimensão subjetiva. Ele conclui que não há um caminho seguro para se tornar um jornalista-intelectual, mas que há formas comuns de adquirir reputação. São as escolhas desses profissionais e os direcionamentos de carreira que marcam a sua reputação, sendo esta diretamente dependente do “outro”, das relações que são estabelecidas em seus mundos sociais.

Algumas transformações no mundo social dos jornalistas marcam na contemporaneidade as mudanças identitárias: hoje, o jornalismo está mais associado a competências técnicas, do que ao romantismo que lhe atribuía um caráter humanístico. Além de ser fascinante poder analisar como jornalistas-intelectuais de tal porte compreendem o jornalismo e suas identidades, é interessante observar como as diferentes gerações reagem ao espírito do seu tempo e processam as formas subjetivas de interação com o mundo social. Cada um, a seu modo, desenvolveu mecanismos para atuar em diversos domínios, sem perder o vínculo com o jornalismo. Vale ainda ressaltar que *Jornalistas-intelectuais no Brasil* apresenta uma leitura agradável, com um texto inteligente que traz posicionamentos inspiradores de profissionais que marcaram mais de meio século de jornalismo brasileiro.

Referência bibliográfica

PEREIRA, Fábio. **Jornalistas-intelectuais no Brasil**. São Paulo: Summus, 2011.